

A propósito do Doutoramento Honoris Causa do Comité Olímpico de Portugal¹

Jorge Olímpio Bento

I

Desde os primórdios da civilização, a sabedoria humana tem consistido em estabelecer a prevalência do espiritual, moral e sagrado sobre o material, animalesco, mundano e profano e em criar instituições que encarnam, difundem e consolidam essa primazia.

Nessas instituições repousa a incumbência de indicar as metas e sentidos do processo civilizacional, de fornecer as referências, energias e reservas que animam os nossos passos, as pernas que permitem avançar, os braços que ajudam a subir, os olhos que possibilitam discernir, os ideais que permitem sorrir. Elas concebem as artes, os instrumentos e os métodos que nos facultam e intimam a tornar possível o impossível, próximo o distante, realizável o idealizável, factual o virtual, familiar o estranho, a perseguir o infinito e a apresentar mais compreensíveis, leves, palpáveis e tangíveis os trágicos, profundos e indecifráveis mistérios da vida.

A história da civilização humana é contada e interpretada pelo papel e trajeto das suas instituições ao longo dos tempos, pela sobrevivência e transformação de algumas, pelo desaparecimento e substituição da maioria delas, em sintonia com os arcanos, anseios, contradições e problemas de cada época. Elas são uma representação do entorno em que surgem os poetas e vates, os filósofos e pensadores e toda a sorte de artífices e pontífices que constroem e abatem mitos, causas, paradigmas, utopias e distopias, educam os povos e lançam pontes entre o passado, o presente e o futuro.

A Universidade e o desporto incluem-se nesse escol de instituições e têm muito em comum: são um produto da Modernidade, do Humanismo e Iluminismo, recebem destes os pilares da sua fundação e missão. Isto é, a luz da filosofia e da cultura ilumina a Universidade e o desporto, com o fulgor dos axiomas gregos da *perfectibilidade e transcendência*. Ambos almejam prosseguir a procura do *Homem Novo*, dono e senhor da natureza, um ser de liberdade e dos possíveis, fora de escala e sem especificidade, essência natural e identidade *a priori*, fiado na logodiceia e descrente da teodiceia. Visam tornar os humanos sujeitos da sua vida, aptos a superar a inumanidade de que

¹ UTAD-Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 23 de junho de 2014.

somos parte, sob a luz da razão, da ética e da estética, dar-lhes uma arquitetura e ‘forma’ interiores e exteriores, conformes às grandezas idealizadas.

Wilhelm von Humboldt (1767-1835) bebeu nessa fonte a inspiração para, na pegada de Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494), de Voltaire (1694-1778), de Rousseau (1712-1778), de Kant (1724-1804), de Pestalozzi (1746-1827) e Goethe (1749-1832), entre tantos outros, formular, em 1810, a ‘ideia’ da Universidade Moderna e coligir os elementos do conceito de *formação* (Bildung).

Antes dele, Guts Muths (1759-1839) tinha projetado o *Homo Gymnasticus*, como versão do *Homem Novo* e da sua busca, na obra *Gymnastik für die Jugend* (Ginástica para a juventude), escrita em 1793. Pestalozzi segue na mesma via ao fundamentar, em 1807, os atos corporais como autênticos exercícios ‘anímicos, volitivos e morais’; e ao prescrever o mandamento do *desenvolvimento* do corpo, de não o abandonar à espontaneidade natural.

O *Homo Olympicus* de Pierre de Coubertin (1863-1937) incorpora essas bitolas. Com o lema - *Citius, Altius, Fortius!* – Coubertin e os seus seguidores recriam o desporto como expressão da relação de *natura e cultura* na configuração do homem e do seu corpo, da submissão da natureza originária e primeira aos fins da segunda. Apresentam-no como metáfora, paradigma e versão de uma *filosofia de transcendência e exaltação da vida*, com *pretensão de totalidade* e aplicação em todos os campos: enlaçando o bem (*ética*), o belo (*estética*), o respeito por si e pelos outros (*fair-play*), a consciência de valores (*moral*) e a elevação da existência ao plano da excelência (*arte, arété, virtude*). Deste jeito no desporto encontram repercussão, guarida e observância as exortações e prescrições do Humanismo e Iluminismo, erigindo-o em *fator de regeneração ética* da sociedade, modelando-o com uma *moral em ação*.

Em síntese, a Universidade e o desporto provêm da mesma fonte matricial. Temos que a visitar e verificar a medida da sua afetação pelos vícios da contemporaneidade, o abandono da mensagem original, sacrificada no altar do pragmatismo e utilitarismo.

II

Como é sabido, somos entes ‘*artísticos*’ e ‘*simbólicos*’, criamos e consumimos símbolos que ritualizam a vida e associam as ações e objetos a significados que transcendem os seus efeitos palpáveis.

Vivemos num universo simbólico. Somos protagonistas de *símbolos práticos*, de *'atos intencionados'*, interpretativos e instituidores de finalidades e sentidos, codificando, organizando e regulando, com significantes e significados, a nossa conduta.

Este é, portanto, um ato simbólico, como o são todos os praticados na instituição eminentemente simbólica que é a Universidade. Ele marca o regresso à Grécia Antiga, ao contexto onde melhor coabitaram a academia e o desporto. Por isso é um ensejo para evocações e elogios que acordem a inquietação perante os descaminhos e desvarios das circunstâncias.

É nesta conformidade que a Universidade assume o imperativo de louvar o desporto, de aprender e ensinar esse louvor e dele tirar ilações.

III

O COP-Comité Olímpico de Portugal foi fundado em 26 de outubro de 1909, fazendo com que o nosso país fosse a 13ª nação a aderir ao Movimento Olímpico Internacional. E contribuindo para que, como noutros avanços civilizacionais, como p. ex. a abolição da escravatura e da pena de morte, Portugal figurasse na linha da frente.

Em verdade Portugal tinha, desde 1906, um representante no Movimento Olímpico Internacional; porém foi em 1909 que se constituiu formalmente o Comité Olímpico Português. Este nasceu da Sociedade Promotora de Educação Física Nacional e tinha como objetivo a participação de Portugal nos Jogos Olímpicos de 1912, em Estocolmo, assinalados pelo falecimento do maratonista Francisco Lázaro no dia 15 de julho.

Em 1919 o Comité é finalmente reconhecido pelo governo português, por decreto assinado pelo Ministro da Instrução Pública da época, passando a receber um subsídio estatal para a realização das suas funções.

O COP pode exibir um longo historial e uma obra louvável, que nos escusamos de enunciar. Todavia não se contenta com isso; quer prolongá-lo, abrindo e alargando novos horizontes para uma futuridade de acrescida relevância. Assim, numa altura como a atual, em que é requerida, com carácter de urgência, uma visão estratégica para Portugal, alternativa ao projeto da União Europeia que inexoravelmente se vai encaminhando e nos arrasta para o colapso, o COP envolve-se na criação da ACOLOP- Associação dos Comités Olímpicos de Língua Oficial Portuguesa.

A ACOLOP, instituída a 8 de Junho de 2004, em Lisboa, é uma promissora organização não-governamental, constituída por 12 membros: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-

Bissau, Guiné Equatorial, Índia/Goa, China/Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Sri Lanka e Timor.

O texto da sua constituição aponta como missões: difundir os Ideais Olímpicos entre os seus membros, reforçar a cooperação entre os associados, seguindo os princípios da igualdade, do respeito mútuo e convergência de interesses, e encorajar a colaboração para a definição de objetivos próprios e para a defesa de propósitos comuns.

Já levou a cabo os I Jogos da Lusofonia em Macau 2006, os II em Lisboa 2009 e os III em Goa 2014. Os IV estão previstos para Maputo 2017 e os V para Luanda 2021.

Este cenário de renascimento e ampliação da lusitanidade e da nossa língua suscita-me um estado de alma pintado de admiração, encantamento e exaltação. Porém, não obstante a aliciente moldura de projetos e realizações, assola-me a insatisfação de não conseguir este panegírico com a “imaginação, fecunda e santa”, com “a vida, e a luz de tudo”, que Teixeira de Pascoaes vislumbra na Senhora da Noite. Ela, sob a forma de “erma donzela”, sobe aos cerros do Marão, no lusco-fusco, para durante a noite se metamorfosear em aurora e irradiar um clarão que rompe “a sombra indefinida, o espectro mudo”; e desce lá do alto, carregada de “nocturnos sonhos”, para inundar de sol as encostas, os vales, outeiros e pinheirais da negra solidão, convertendo-os em faceiras de sorrisos e searas de trigo.

Não logrando abeirar-me da concretização de tal intento, sobra esta gratificação: “Eu vos abençoo, malucos, lunáticos, mágicos (...), poetas e os que saem para a rua, sem chapéu, por divino esquecimento e os que vão a falar só, pelos caminhos (...) e os que olham a lua, latindo intimamente (...) e os que se não conformam, os que não seguem a lei nem o costume, todas as criaturas onde o anjo da infância sobrevive.”²

Saúdo o COP, o desporto e todos quantos o justificam. Saúdo a vida! Saúdo a UTAD-Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro pela generosidade e simbolismo da sua decisão, por romper o conformismo dos hábitos e costumes. Ao homenagear o COP, nesta hora em que as palavras perderam sentido e valor, está igualmente a enaltecer o seu Presidente, Dr. José Manuel Constantino, personalidade que faz jus à altura deste ritual, pela conduta exemplar, por cultuar a elegância e fulgurância da palavra subida, límpida e culminante e, assim, erguer bem alto o legado dos seus antecessores.

² Teixeira de Pascoaes, *Senhora da Noite. Verbo Escuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

Importa que se diga algo mais. Ao distinguir o COP, a UTAD está não somente a ser pioneira na atribuição do doutoramento *honoris causa* a uma prestimosa instituição, o que traduz uma ousadia de largo alcance. Com isso vai mais longe, emite sinais que convidam a uma remissão discursiva e prática das orientações da Universidade e da sociedade. Questiona o idioma e pensamento correntes do *'utilitês'*.

IV

Por isso mesmo o ato, que aqui nos congrega, não é ingénuo. É, simultaneamente, um preito de reconhecimento e comprometimento. Passa do verbo à ação, ultrapassa o enorme fosso entre a importância que o desporto usufrui na sociedade e o desdém que lhe é votado pela elite da alta cultura. Inclusive na Universidade ele é encarado como assunto periférico, com condescendência arrogante e sobranceira, cuidadosa de agir dentro das fronteiras do politicamente correto.

Píndaro (518-438 a. C.), nas suas odes, concita para a celebração religiosa dos atletas. Nele é notório o esforço e o engenho para valorizar as proezas atléticas, para as situar no pináculo da cultura, e criar delas uma imagem de sublimidade: *“Olímpia, mãe dos jogos de áureas coroas, senhora da verdade!”*

Salvo raras exceções, a abertura e capacidade para louvar o desporto não se prolongou na nossa tradição cultural. Muitos intelectuais diminuem e condenam a sua função. Não é raro que vejam a popularidade do desporto como indício de decadência ou afastamento de uma suposta *'autenticidade'*, *“que jamais é definida com clareza.”*³

Mesmo os que gostam dele não o apreciam com os instrumentos de análise em que são peritos; ao invés, algumas vezes vão ao cúmulo de o rotular como ópio e sintoma de algo indesejável e pouco recomendável. Olvidando que o desporto pode não mudar a nossa natureza, mas transforma-a, mudando o que escolhemos ser; pode ser uma centelha para soltar as consciências das cadeias da alienação e manipulação à solta. A paixão pelo desporto não implica que o indivíduo se enrede nele. Do útero, que gera a turba virulenta e desregrada, também nascem desígnios límpidos e floridos.

Em regra, vigoram a depreciação e o menoscabo, que identificam o desporto com uma atribuição secundária, sem elevados fins intrínsecos, ao serviço apenas da satisfação de externalidades, instrumentalizado para interesses mais ou menos escuros.

³ Hans Ulrich Gumbrecht, *Elogio da beleza atlética*, p. 28. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

A dificuldade de elogiar o desporto demonstra que continua vigente um tipo de racionalidade inibidora da descoberta da metafísica nos movimentos e atos corpóreos, crendo pia e ardentemente que os corpos e os feitos dos atletas sejam tudo menos signos e pontes para algo espiritual e transcendental. Porventura contaminada pela *papermania*, pelo *'paper slicing'* ou *'salami papers'*, ela não concebe a competição em cumplicidade com a *arété* grega, com a harmonia e unidade de técnica, performance, ética, estética, excelência, magnificência, excelsitude e virtude.

Essa racionalidade cartesiana, desabitada de sensibilidade, impede de ver nos gestos e prestações corporais transfigurações eivadas de espiritualidade. Ignora a lição de Aristóteles (384-322 a.C.) para não fixarmos a atenção só no mundo imaterial, para atribuímos importância às coisas que nos cercam, laborarmos no aperfeiçoamento do relacionamento com elas, se queremos melhorar-nos a nós.

Ora nós estamos aqui para afirmar o desporto e as suas instituições, no caso o Comité Olímpico de Portugal, como desejáveis e indispensáveis à nossa precária existência. Certamente o COP, o desporto e os atletas não ganham muito com o facto de lhes prestarmos este tributo. Somos nós que ganhamos; ao enaltecermos o fascínio e a paixão que o desporto nos causa, o prazer que os seus espetáculos nos proporcionam, exercitamos o dever e a pulsão da gratidão sem destinatário específico. É uma gratidão à vida que amamos. Uma recusa do registo super-racional de linguagens e modos de pensar esquecidos da necessidade de incluir as emoções nas avaliações e decisões.

Se a racionalidade de muitos políticos incluísse o sensível, ser-lhes-ia mais difícil tomar medidas que empurram as pessoas para o desvão da indignidade e desumanidade.

É difícil elogiar o desporto, por não ser fácil descrever a inigualável beleza e imagética que o perfazem. Por ser evidente que ele atrai para condutas e reações ruins e pouco saudáveis. Mas isso não nos pode desviar da explicação central e fundamental do seu apelo: a insularidade e a autonomia da experiência estética em relação ao trama do quotidiano, posto de lado durante a execução desportiva.

Kant formulou que a arte é bela, quando parece ser natureza. Esta asserção aplica-se inteiramente ao desporto. Uma jogada ou um gesto são belos por nos parecerem atitudes naturais dos seus autores. Mais, o desporto congrega o belo e o sublime, a qualidade e a grandeza, a forma que limita o objeto e a ilimitabilidade que nele se expressa, aquilo que, ao mesmo tempo, nos aprimora e sobrepuja.

Poderá contrapor-se que isto se descortina e experiencia noutros objetos. Mas não com a intensidade, densidade e concentração registadas no desporto. Não há nada mais intenso do que assistir a um espetáculo desportivo, suportar a incerteza, esperar o que pode acontecer, sem ter a garantia de que aconteça, por ficar acima dos limites previstos da prestação humana. O mesmo é dizer que a vivência estética no desporto, sejamos praticantes ou expectadores, sendo idêntica à da experiência estética em geral, distingue-se pelo facto da nossa condição atuar perto do limite máximo. Oscilamos entre o aparecimento e a dissolução rápida e irreversível de formas belas e magníficas de transfiguração corporal, entre a percepção da beleza na sua aparência física e a obrigação de a interpretar consoante as regras em presença.

É isto que torna viciante o efeito estético do desporto e o torna palco de epifanias e artes dramáticas. Tudo nele é real e fecundo, nada é mera atuação ou fingimento. Ele enleia-nos com o encanto das adaptações dos corpos a uma multiplicidade de formas e funções, resultantes da conjugação do sacrifício e sofrimento com a dinâmica e o ritmo, o rigor apolíneo e o excesso dionisíaco.

Nem toda a gente é capaz de ver estas ‘coisas’ subidas que ele contém. Parafraseando Artur Schopenhauer (1788-1860), todo o espírito é invisível aos que o não possuem.

Com esta cerimónia de homenagem ao COP a UTAD conclama para a urgência de repensar a Universidade como templo de contemplação e consideração da beleza e da sensibilidade. Instala o desporto e instala-se a si no reino do belo e do magnífico. Apreende a substância da letra da canção *Garota do Ipanema*, escrita por Vinicius de Moraes (1913-1980): “*A beleza é fundamental.*” E conclui que esta é fundadora do Ser Humano e perfaz a sua genuína natureza, tal como havia dito Fernando Pessoa (1888-1935): “É de meu natural ser artificial.” A condição humana é um artefacto; somos um produto da arte e cultura.

Friedrich Schiller (1759-1805) dissera o mesmo: “A Arte é a mão direita da Natureza. Esta última deu-nos apenas o ser, a primeira fez de nós homens.”

Citius, Altius, Fortius! Este pregão aviva-nos a convicção de que temos uma vocação alada: somos seres obstinadamente transcendentais, de criação com transpiração. Somos, lembrou José Saramago (1922-2010), “anjos nascidos sem asas”; “o que há de mais bonito (é) nascer sem asas e fazê-las crescer.”

Temos, pois, que fazer jus ao nosso nome: levantar-nos do chão, lambe as feridas como um ‘cão de lágrimas’, romper o cerco da cegueira com a luz dos sonhos, sobreviver numa jangada de pedra às forças da alienação e opressão, contrariar a propensão para elefante, libertar-nos da condenação e fado de Caim e subir no céu como morteiros impulsionados pela pólvora do espírito e ousadia, para escrevermos, com letras e tinta do compromisso e decência, um manual da existência e deixarmos de nós um memorial do impossível.

V

É curial afirmar estas coisas aqui e agora. O ‘aqui’ refere-se ao país e à Universidade; o ‘agora’ a esta *hora crepuscular e civilização do espetáculo*, inimigas da reflexão, em que todos, com irresponsabilidade mais ou menos diluída, aceitamos participar.

Vivemos numa conjuntura em que as palavras não passam de ardis para impingir uma ‘saída limpa’ da estrumeira em que nos atolamos. Estou a falar, com dorida mágoa, para a Universidade: não especificamente a UTAD, mas a Universidade, edificada para ser casa da erudição e da espiritualidade, para colocar o ‘*primado da verdade sobre a utilidade*’, para fomentar o ‘*espírito livre*’.

O que é feito dessa instituição da Modernidade, cujos alicerces e alvos Humboldt tão luminosamente plantou? Mal a vemos, porque foi abatida com a nossa conivência e cumplicidade, por ação ou omissão. Quem a substitui? A resposta titubeia, porquanto a ‘coragem’, a virtude que Aristóteles considerou a mais importante de todas, não é abundante e saiu de moda; e a ‘liberdade’, o genuíno alimento dos Seres Humanos, tal como a ambrosia era o dos deuses, encontra-se perecível, num torpor de morbidez.

A Universidade hodierna afunda-se na capitulação. Simulamos que vivemos como se fôssemos livres, porém vegetamos em clima de servidão. Para alguns esta é voluntária, por conveniência ou amancebamento com o medo de a abjurar e rejeitar; para a maior parte é imposta pela panóplia de mistificações postas em circulação.

Em consequência, ela tem vindo a desfazer-se, paulatinamente, da matriz identitária, a transformar-se numa instituição humana e socialmente irrelevante. O seu código genético vem sendo desativado e substituído por um programa espúrio e alheio, em concordância com o radicalismo neoliberal e o credo do ‘*utilitês*’. O ócio, o fermento criacionista da ciência e da cultura, foi atirado para o caixote do lixo.

VI

V. Exas já foram, por certo, assaltadas pela tentação de abandonar este salão nobre, molestados com o teor da minha intervenção. Apelo à vossa bondade e compreensão. A honraria, que me foi outorgada, não dispensa a vassalagem a Miguel Torga, a voz maior do Reino Maravilhoso de Trás-Os-Montes: “Nasci para falcão da serra, e não para codorniz de baixio.”⁴

Tudo se conjuga para tornar apropriadíssima ao panorama universitário dos nossos dias a sátira que Ortega y Gasset (1883-1955) disparou ao da sua época: "Foi preciso esperar até o começo do século XX para se presenciar um espetáculo incrível: o da peculiaríssima brutalidade e agressiva estupidez com que se comporta um homem quando sabe muito de uma coisa e ignora todas as demais." Ou estouta: “Dantes os homens podiam facilmente dividir-se em ignorantes e sábios, em mais ou menos sábios ou mais ou menos ignorantes. Mas o especialista não pode ser subsumido por nenhuma destas duas categorias. Não é um sábio porque ignora formalmente tudo quanto não entre na sua especialidade: mas também não é um ignorante porque (...) conhece muito bem a pequeníssima parcela do universo em que trabalha. Teremos de dizer que é um sábio-ignorante – coisa extremamente grave, pois significa que é um senhor que se comportará em todas as questões que ignora, não como um ignorante, mas com toda a petulância de quem, na sua especialidade, é um sábio.”⁵

Ao homenagear o COP, a UTAD revisita e traz a cena a missão da Universidade e as teses de Ortega y Gasset. Disse o mestre: “*Todas as grandes obras humanas têm uma dimensão desportiva.*” Mais: a filosofia é uma atividade lúdica de dimensão séria, visando promover o *homem luxoso e desportivo*, face ao *homem utilitário e biológico*. Por isso ela é “*a ciência dos desportistas.*” Nem mais, nem menos!

Filosofia e desporto são atividades promotoras de felicidade para quem as exercita; elas não estão vinculadas ao imediatismo utilitário. O desinteresse pelo utilitário e pelo imprescindível impregna os pensadores e os desportistas de um dom de generosidade que floresce somente nos cumes de maior altitude vital!

O desporto representa a vida criadora e graciosa, enquanto “os atos utilitários e adaptativos, tudo o que é reação a prementes necessidades, são vida secundária. A

⁴ Miguel Torga, *Diário IV*, p. 63.

⁵ Estas citações encontram-se em textos colocados nas redes e espaços informáticos.

utilidade não cria, não inventa, simplesmente aproveita e estabiliza o que sem ela foi criado (...) A vida foi primeiro uma invenção pródiga de possibilidades e depois uma seleção (...) Esta abundância de possibilidades é o sintoma mais característico de vida pujante; tal como o utilitarismo, ao ater-se ao estritamente necessário, à maneira do enfermo que poupa movimentos, é o sintoma de debilidade e vida minguante.”⁶

Aristóteles valorou devidamente: “A guerra deve ser em vista da paz, a atividade em vista do ócio, as coisas necessárias e úteis em vista das coisas boas. É verdade que é preciso desempenhar uma atividade e combater, mas muito mais importante é estar em paz e em ócio, assim como é preciso fazer as coisas necessárias e úteis, mas mais importantes são as coisas belas.”

O escritor francês Théophile Gautier (1811-1872) resumiu a noção partilhada por vários pensadores: “Só é realmente belo aquilo que não serve para nada; tudo quanto é útil é feio.”

Até hoje estas teses não foram rebatidas. Por conseguinte há que assumi-las no entendimento e organização da vida, da educação, da sociedade e da Universidade.

O desporto não é coisa *‘utilitária’*; revê-se no ócio, serve fins axiológicos e recriadores que ajudam a escapar ao peso do utilitarismo. Será que a Universidade poderá fazer de si esta avaliação? Ainda é o lugar, por excelência, segundo Romano Guardini (1885-1968), onde se procura a verdade, apenas por ser verdade? Que juízo tecem disto os académicos? Sentem-se bem com a *‘forma’* da Universidade?

Ao desassossego pessoano de inquirir associa a franqueza do Padre António Vieira para terminar: “Tenho acabado, senhores, o meu discurso, e parece-me que demonstrado o que prometi, de que não estou arrependido. Se a alguém pareceu que me atrevi a dizer o que fora mais reverência calar, respondo com Santo Hilário: *Quae loqui non audemus, silere non possumus*: O que se não pode calar com boa consciência, ainda que seja com repugnância, é força que se diga.”⁷

⁶ Ortega Y Gasset, *EL ORIGEN DEPORTIVO DEL ESTADO*, p. 13-16. A Coruña: Edición INEF Galicia, Universidade da Corunha, 2011.

⁷ Padre António Vieira, *Sermão do Bom Ladrão*, proferido em 1655 na Igreja da Misericórdia de Lisboa (Conceição Velha), perante D. João IV e a sua corte.